

VERA CRUZ / 1954

Vera Cruz

Um filme de Robert Aldrich

Realização: Robert Aldrich / Argumento: Roland Kibbee, James R. Webb, segundo uma história de Borden Chase / Fotografia: Ernest Laszlo / Direcção Artística: Al Ybarra / Música: Hugo Friedhofer, Raul Lavista / Som: Manuel Topete, Galdino Samperio / Montagem: Alan Crosland Jr. / Intérpretes: Gary Cooper (Ben Crane), Burt Lancaster (Joe Erin), Denise Darcel (Condessa Marie Duvarre), Cesar Romero (Marquês de Labordère), Sarita Montiel (Nina), George Macready (Imperador Maximiliano), Ernest Borgnine (Donegan), Morris Ankrum (General Aguilar), James McCallion (Little Bit), Jack Lambert (Charlie), Charles Buchinsky/Bronson (Pittsburgh), Harry Brandon (Coronel Danette), Jack Elam (Tex), James Seay (Abilene), Archie Savage (Ballard), Charles Horvath (Reno), Juan Garcia (Pedro).

Produção: Hetch-Hill-Lancaster, para a United Artists / Cópia: em 35mm, colorida, com legendas eletrónicas em português / Duração: 94 minutos / Estreia Mundial: 22 de Dezembro de 1954 / Estreia em Portugal: Império, em 28 de Dezembro de 1955 / Reposição: São Jorge, em 18 de Julho de 1968.

François Truffaut, na sua crítica a **Vera Cruz** nos *Cahiers du Cinéma*, chama ao filme um “minucioso mecanismo de relojoaria”, tal a forma como todos os seus elementos funcionam em conjunto e como as reacções dos personagens principais parecem ser regidas por um mesmo princípio, neste caso o da mentira, o de ver quem engana melhor a quem. E desse mecanismo regulador destaca a peça principal: Ace Hannah, o homem de quem muito se fala e nunca se vê (*et pour cause!* visto que está morto) e que é sempre o modelo que Joe Erin (Burt Lancaster) vai buscar para comparação na sua relação com Ben Crane (Gary Cooper) quer seja para o louvar, quer seja para o trair. Truffaut destaca, com argúcia, que, no fim de contas, essa figura ausente diz respeito a todos, a Cooper, também (referindo Truffaut mais uma vez, Ace Hannah era provavelmente “a violência de Lancaster com a inteligência de Cooper”), à Condessa e ao Marquês. Cada um procura enganar o outro (quando o Marquês foge com o ouro, Erin pergunta a Crane como adivinhou o movimento dele, ao que este responde que pensara no mesmo, só que o outro se antecipou).

Tal jogo de enganos é uma constante nos melhores filmes de Aldrich, que tem por centro uma “selva” onde o homem para sobreviver tem de se comportar como as feras. Conseguindo, torna-se cínico e brutal (o Mike Hammer de **Kiss Me Deadly**), se o não consegue, acaba por ser vítima do sistema em que entrou (Jack Palance, o actor em **The Big Knife**).

Em **Vera Cruz** as coisas encontram-se ainda num meio termo, ou melhor, esse personagem está dividido em dois. Por um lado, Ben Crane, um homem cuja derrota na guerra tornou cínico, e que a partir dela vai procurar apenas o que lhe importa a si próprio em termos imediatos: dinheiro para recuperar a vida anterior, ou, pelo menos, o seu simulacro. Por

outro, Joe Erin, movido apenas pela ganância, mas também com desejo de uma outra vida e, para ela está disposto a trair tudo e todos. O que os distingue é a origem social. Mas enquanto Erin é definitivamente aquilo que é (tendo por mestre Ace Hannah), Crane mantém ainda, em estado adormecido, os sentimentos idealistas que o levaram ao combate. No primeiro encontro com o general juarista, Aguilar, ele hesita, perante a proposta dos revolucionários e a frase do seu líder: "Ofereço-vos uma causa", e só reage negativamente quando o outro lhe diz referindo-se ao seu combate pelo Sul que ele "lutou por uma boa causa". "Perdemos", e com esta resposta retoma a atitude de frieza.

Na teia de enganos que é, **Vera Cruz** começa logo com um, que de imediato vai apontar-nos o tipo de relações que se estabelece entre Erin e Crane: a venda do cavalo roubado que coloca Crane à força no campo de Erin, e a sequência seguinte em que o primeiro acaba mesmo por roubar o cavalo a Erin. Este encontro de malícia e destreza expõe, de forma simétrica a sequência final em que a posição dos dois está invertida mas os gestos são praticamente os mesmos: Erin de mão tensa, como se segurasse a arma, Crane sobre o corpo como se o revistasse, como Erin ao começo. Aliás, este jogo de espelhos não é único. Truffaut aponta também que o filme "está construído sobre a repetição dos temas": Erin e Crane salvando a vida um ao outro, os dois cercos pelos revolucionários juaristas (em planos de grande fulgor épico, com os camponeses surgindo por cima das casas, no primeiro, e no horizonte, sobre as colinas, no segundo); o jogo da carteira de Crane roubada por Nina (Sarita Montiel) e depois devolvida da mesma forma.

Dirigido logo a seguir ao dramático **Apache!**, **Vera Cruz** surge também como uma espécie de repetição do mesmo tema. No fim de contas este jogo de espelhos percorre toda a fase importante da carreira de Aldrich (a dos anos 50): também **Attack** como reflexo de **The Big Knife**, **Ten Seconds to Hell** como espelho de **The Angry Hills**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico